

IMAGENS DE CAMPO E CIDADE NOS QUADRINHOS DE CHICO BENTO³⁶

Mariana Ramalho PROCÓPIO³⁷

Resumo: O presente artigo procura analisar a construção de imagens relativas ao universo rural e urbano nos quadrinhos de Chico Bento. Por meio de uma análise do discurso, ancorada nos trabalhos de Charaudeau (2006; 2007), podemos dizer que a estruturação narrativa e descritiva do discurso de Chico Bento expressa a relação entre campo VS cidade a partir de pares conceituais opostos. Campo e cidade são caracterizados como espaços sócio-culturais divergentes e antagônicos; o primeiro é paradisíaco, quase um novo éden, ao passo que o segundo é marcado pela tecnologia, pela modernização, mas também por um consequente comodismo.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Quadrinhos. Imaginários Sócio-discursivos.

Abstract: *This article analyzes the construction of images from rural and urban spaces in Chico Bento's comics. By means of a discourse analysis, based on the work of Charaudeau (2006; 2007), we can say that the narrative and descriptive structure of Chico Bento's discourse shows the relation between country versus city, from conceptual opposing pairs. Country and city are characterized as social-cultural diverging and antagonistic areas; the first one is a paradise, almost a new Eden, while the second one is marked by the technology, the modernity but also by a consequent selfishness.*

Keywords: *Discourse Analyses. Comics. Social Discursive Imaginaries.*

Introdução

As histórias em quadrinhos (HQ's) são uma parte essencial do arcabouço cultural de cada nação. Os assuntos abordados refletem os valores, crenças, expectativas e assuntos relevantes a uma determinada cultura em um tempo específico. O artista que

³⁶ Agradeço à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de mestrado e ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelas respectivas bolsas de doutorado e doutorado sanduíche.

³⁷ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, linha Análise do Discurso, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte-MG Brasil. Realiza estágio doutoral da Faculté des Lettres, Langues et Sciences Humaines da Université Est Créteil – Val de Marne, em Créteil, França. marianaprocopio@yahoo.com.br

produz os quadrinhos recebe uma influência da sociedade na qual vive e onde seu processo de criação artística pode concretizar-se.

Uma característica marcante das histórias em quadrinhos é, pois, funcionarem como instrumentos produtores e veiculadores das representações produzidas historicamente, por uma dada sociedade. Segundo Amossy e Herschberg-Pierrot (2005, p. 37):

As crianças e os adolescentes tomam conhecimento de certas realidades através das séries televisivas, das histórias em quadrinhos, mas também dos livros escolares. O impacto dessas representações revela-se poderoso não somente no caso dos grupos que não têm um conhecimento efetivo delas, mas também para aqueles que estão diariamente lado a lado com elas ou aos quais elas pertencem.³⁸

No caso das brasileiras, os quadrinhos do personagem Chico Bento busca representar a realidade do povo brasileiro que vive no ambiente rural, caracterizando a comunidade ligada aos valores da terra e da agricultura. Ele, juntamente com sua turma (amigos, pais, professora, vizinhos e animais), divulga o cotidiano da população rural brasileira, enfocando questões específicas desse segmento social. É a partir, pois, dessa caracterização de campo e de cidade que muitas crianças conhecem esses espaços ou a tomam como referência para a identificação desses espaços. Por mais idílico que possa parecer o mundo retratado pelo personagem, é necessário destacar que sua ficcionalidade traz efeitos de real, alguns deles de cunho autobiográfico.³⁹

Devido a sua grande difusão, escolhemos então trabalhar com os quadrinhos de Maurício de Sousa. E a escolha do personagem Chico Bento deveu-se ao fato de ele ser um dos personagens de Maurício que trariam características nacionais mais específicas, além de representar um segmento social brasileiro de maneira bem marcada, no caso, o homem do campo. O objeto de estudo da pesquisa⁴⁰ foi constituído por 11 historinhas do personagem Chico Bento, veiculadas entre os anos de 1995 e 2004, e que apresentam como tema a vida no campo e na cidade. Dentre as histórias selecionadas, oito são referentes à vida no campo e três fazem uma comparação entre a vida no ambiente rural e urbano. O QUADRO 1 apresenta o *corpus*:

³⁸ « Les enfants et les adolescents prennent connaissance de certaines réalités à travers les séries télévisées, la B.D., mais aussi les livres scolaires. L'impact de ces représentations s'avère puissant dans le cas non seulement des groupes dont on n'a pas une connaissance effective, mais aussi de ceux qu'on côtoie quotidiennement ou auxquels on appartient. »

³⁹ De acordo com o site da Turma da Mônica, o personagem Chico Bento foi inspirado em um tio-avô de Maurício, que vivia no interior de São Paulo. Disponível em: www.monica.com.br Acesso em 06/06/07.

QUADRO 1 – Descrição do corpus

Histórias	Nome	Gibi	Ano
1	Obra do Trabalho	220	1995
2	A resposta é simples...	225	1995
3	A saudade mata a gente	254	1996
4	Chico Bento	274	1997
5	Remedinho bom	278	1997
6	Filho Doutor	281	1997
7	Que nem o pai!	356	2000
8	Tempos Modernos	387	2001
9	Madrugando	397	2002
10	Um dia normal...	410	2002
11	Construindo um novo homem	432	2004

Compreendendo a noção de imaginários sócio-discursivos

A noção de imaginários sócio-discursivos está presente nos estudos da Teoria Semiolinguística. De acordo com Charaudeau (2006, p.117) “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como imaginários sócio-discursivos”. Nesse sentido, podemos dizer que um dos mecanismos pelos quais os imaginários são engendrados é pelas representações sociais. São esses imaginários que, partilhados pela sociedade, dão significado ao mundo. Identificados como construções coletivas, os imaginários sócio-discursivos podem então ser definidos por Charaudeau (2007, p. 53) como:

[...] um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como o dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante.⁴¹

A construção dos imaginários relaciona elementos afetivos e racionais nessa simbolização do mundo e das relações que fazem parte desse mundo. São criados e veiculados pelos discursos circulantes na sociedade com uma dupla função: criação dos

⁴⁰ Esta pesquisa faz parte de nossa dissertação de mestrado. (PROCÓPIO, 2008).

⁴¹ [...] un mode d’appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l’a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s’y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant.

valores que serão difundidos na sociedade e justificativa das ações de indivíduos e grupos sociais.

De acordo com Charaudeau (2007), a construção dos imaginários sócio-discursivos está ancorada em dois tipos de saberes: (i) os saberes de conhecimento que tendem a estabelecer uma verdade acerca dos fenômenos do mundo que independe da subjetividade do sujeito; e (ii) os saberes de crença que pertencem a um modo de explicação do mundo, proveniente de julgamentos e apreciações dos sujeitos.

Sobre os tipos de saberes, algumas considerações devem ser apresentadas. Podemos dizer que a principal diferença entre os saberes de conhecimento e os saberes de crença está no tipo de relação estabelecida entre sujeito e mundo. No caso dos saberes de conhecimento, o mundo se sobrepõe ao homem. É a partir da verificação, provada (no caso dos saberes científicos) ou experimentada (no caso dos saberes de experiência), que um determinado argumento se legitima e se fundamenta.

No âmbito dos saberes de crença, a relação homem/mundo é diferenciada: é o homem que se sobrepõe ao mundo, isto é, o julgamento subjetivo sobre os fatos do mundo é que se configura como um saber. Por serem subjetivos, esses julgamentos não podem ser verificados. No entanto, as pessoas que utilizam esses tipos de saberes o fazem por adesão – saberes de revelação – ou por apropriação – saberes de opinião.

Os saberes de conhecimento podem ser divididos em:

a) Saber Científico

As explicações são construídas sobre o mundo por meio de procedimentos como a experimentação, a observação e o cálculo. A principal característica deste saber é que ele pode ser provado, isto é, qualquer pessoa que utilizar os mesmos procedimentos e que tiver competência para fazê-lo, poderá obter os mesmos resultados. A maneira mais conhecida de apresentação deste saber são as teorias.

b) Saber de Experiência

A construção das explicações parte do conhecimento de mundo, mas não há nenhuma garantia de comprovação. O conhecimento é engendrado a partir da

experiência socialmente partilhada e, portanto, não são sistematizados em teorias. Configuram-se como um discurso de causalidade natural.

No que tange aos saberes de crença não há a possibilidade de verificação. Eles podem ser subdivididos em:

I. Saberes de Revelação

As explicações são fundamentadas em uma verdade exterior ao sujeito, mas que não pode ser verificada. O sujeito aceitará essa verdade, independente de haver possíveis contradições aos saberes de conhecimento. Este tipo de saber é exemplificado pelas doutrinas e ideologias.

II. Saberes de Opinião

Os argumentos partem do julgamento e opinião de um determinado sujeito. São construídos por motivações diferenciadas: necessidade, probabilidade, verossimilhança, confronto entre razão e emoção etc. É interessante notar que este saber é, ao mesmo tempo, pessoal (pois é o julgamento de um ser específico) e social (este ser faz uso dos saberes circulantes na sociedade para construir seu julgamento). Os saberes de crença de opinião podem ser divididos em:

i) *Opinião Comum* – trata-se de um julgamento generalizado e que é partilhado socialmente. O sujeito faz uso de argumentos disponíveis na *doxa*. São exemplificados pelos provérbios e pelos enunciados de valor geral.

ii) *Opinião Relativa* – julgamento que diz respeito a um sujeito individual ou a um grupo específico. O sujeito demonstra o seu posicionamento, o seu juízo de valor sobre determinada pessoa ou situação. O saber de crença de opinião relativa geralmente está inserido em um espaço de discussão, no qual o sujeito precisa se posicionar favorável ou não um diante de um determinado assunto.

iii) *Opinião Coletiva* – opinião de um determinado grupo em relação a outro grupo, visando à atribuição de um valor identitário a esse grupo. Este julgamento busca categorizar, definir e essencializar o grupo em questão.

Análise

Procuramos analisar os argumentos nos quais os enunciadores se fundamentam para a construção da imagem de campo e cidade no discurso. Para identificarmos esses argumentos, utilizamos como referência o esquema fornecido por Charaudeau (2007, p. 63). Ao observarmos a construção de um determinado imaginário sócio-discursivo, precisamos compreender a organização do sistema de pensamento, isto é, temos que observar a quais tipos de saber estes argumentos pertencem. Por meio desse esquema, é possível notar que os imaginários são construídos pelos argumentos fundamentados nos diferentes tipos de saberes. Um mesmo imaginário pode ser formado por saberes diversos, em maior ou menor grau.

Nosso primeiro procedimento para identificarmos os argumentos que compunham os imaginários da história em quadrinho foi identificar os tipos de saberes que legitimavam os argumentos de cada história. Para tanto, procuramos observar quantas e quais eram as principais ideias defendidas em cada unidade da análise e percebemos que não há uma estabilidade quanto à quantidade delas. Identificadas as ideias principais, observamos como se dava a construção de cada uma dessas ideias para assim delimitarmos qual era o tipo de saber que ela se embasava.

Em um segundo momento, procuramos observar a diferenciação entre os saberes de conhecimento e saberes de crença. Em nosso *corpus*, pudemos perceber que a presença de argumentos relacionados aos saberes de crença foi mais incisiva. Pelo fato de a história em quadrinhos ser um gênero de estatuto ficcional, há um predomínio de simulações de situações possíveis. E essas simulações se configuram como modelos de explicação ou de descrição do mundo. É uma leitura subjetiva sobre o mundo, no caso, o mundo rural. Pensamos que as informações e argumentos apresentados pertencem, em sua grande maioria, ao universo de crenças do sujeito comunicante Maurício de Sousa e demais participantes da produção dos quadrinhos.

Não queremos dizer com isso que o mundo apresentado pelos quadrinhos de Chico Bento está baseado apenas nos saberes de crença de seus roteiristas. Há sim a

presença de argumentos ligados aos saberes de conhecimento, isto é, podemos encontrar informações sobre o campo e a cidade que podem ser provadas ou experimentadas. No entanto, grande parte delas pertence aos saberes de crença.

É interessante notar que argumentos pautados pelo saber de crença da opinião coletiva foram pouquíssimos explorados, apenas uma vez. Se pensarmos que esse tipo de argumento visa a exprimir a essencialidade de um grupo em relação ao outro, era de se esperar que tal argumento fosse utilizado para a marcação da diferença entre habitantes do campo e habitantes da cidade. Essas observações nos permitem dizer que não há uma preocupação em definir a essencialidade desses dois grupos, apesar de haver sim uma diferenciação entre esses habitantes. Essa diferenciação é realçada pelo conteúdo dos argumentos e pelos usos dos demais tipos de saber. É preciso ressaltar, entretanto, que cada personagem não utiliza todos os tipos de argumentos. Ainda sobre os personagens da cidade, é interessante notar que nenhum deles – nem Zeca e seus pais nem aqueles descritos como pessoas da cidade – fazem uso do saber de crença da opinião comum. Esta ocorrência não foi encontrada no *corpus*. Os saberes universais, largamente partilhados socialmente, não os interessam. Esse dado reforça a ideia de que a argumentação defendida na história e a organização narrativa e descritiva da mesma está centrada na relação de oposição entre racionalidade Vs intuição. Todas as pessoas da cidade, no *corpus* estudado, apoiam seus argumentos em imaginários pautados pela racionalidade, pelo cientificismo. Vejamos um exemplo:



FIGURA 1 – Os remédios da família de Zeca
 Fonte: Revista Chico Bento, n. 278, 1997. p.19.

Na sequência acima apresentada, os pais de Zeca, personagens da cidade, precisavam de remédios para solucionar seus problemas de saúde. No entanto, tais medicamentos acarretam alguns efeitos colaterais. Apesar de conhecerem esses efeitos, eles preferem, ainda assim, fazer uso do medicamento. Mas ao insistirem no uso desses remédios, eles apoiam suas razões em argumentos científicos, isto é, na racionalidade. É comprovado, cientificamente, que todo remédio tem contra-indicações e efeitos colaterais. Logo, eles nada podem fazer. Precisam dos remédios e têm que conviver com os mesmos.

Os resultados de nossas análises nos mostram que os personagens do campo já distribuem seus argumentos de maneira mais harmônica entre os saberes de conhecimento e de crença. E quando se apoiam no conhecimento, escolhem os argumentos relacionados à experiência e não ao cientificismo. Mais uma vez, percebemos a valorização da sensibilidade e da intuição pelos personagens ligados ao meio rural. Essa observação reforça a ideia de que o homem do campo não está ligado às teorizações sobre as coisas do mundo, mas à sua prática. O homem do campo, por exemplo, conhece as formas de plantio, as safras, os cuidados com a agricultura por vivenciar essas atividades. Suas decisões são tomadas por sua sensibilidade, por ter experimentado aquela situação, e não por cálculos e orientações agrônomicas.

A utilização desses saberes de conhecimento ligados à experiência é significativa para realçar a praticidade do homem do campo. Ele aprende e apreende as coisas por

meio da prática, da experimentação. E o fato de ele ter experimentado já atribui um caráter de verdade ao argumento e já confere credibilidade à pessoa que experimentou. Essa consideração pode ser demonstrada no exemplo abaixo:



FIGURA 2 – Nhô Bento
Fonte: Revista Chico Bento, n. 281, 1997. p.5.

Para justificar o motivo pelo qual ele quer que seu filho estude, Nhô Bento revela que não quer que ele “se mate” como o pai. Essa justificativa demonstra que ele *sabe* o quanto é árduo o trabalho no campo, uma vez que ele vivencia, isto é, ele experimenta essa atividade. O trabalho da cidade envolve racionalidade e pouco esforço físico, já o trabalho no campo, nessa construção estereotípica, não exige inteligência, é só uma repetição de ações e rotinas, não deixando espaço para a criatividade.

De maneira geral, podemos dizer que a argumentação defendida nas histórias e a organização narrativa e descritiva das mesmas estão centradas na relação de oposição entre racionalidade VS intuição, sendo esta última valorizada no homem do campo. Na cidade, há o produto da racionalidade, a tecnologia; no campo, há a sensibilidade e a intuição, dissociadas da “racionalidade”. Percebemos que estamos diante de casos de estereótipos sobre campo e cidade. Podemos ilustrar essa constatação por meio do trecho abaixo:



FIGURA 3 – Chico Bento e a saudade do campo
Fonte: Revista Chico Bento, n.254, 1996. p. 19-20.

A utilização desses saberes de conhecimento ligados à experiência é significativa para realçar a praticidade do homem do campo. Ele aprende e apreende as coisas por meio da prática, da experimentação. E o fato de ele ter experimentado já atribui um caráter de verdade ao argumento e já confere credibilidade à pessoa que experimentou. Essa consideração pode ser demonstrada no exemplo abaixo:

É necessário ressaltar que não há uma condenação dos habitantes urbanos pelo uso que eles fazem da tecnologia. Entretanto, há uma certa condenação da “frieza” dos personagens da cidade que não percebem a alteridade existente entre eles e os personagens da roça. Novamente, a dicotomia presente nos parece ser entre razão e sensibilidade: os personagens da cidade são pautados pela racionalidade, pelo cientificismo ao passo que os personagens do campo estão ancorados em valores como intuição, sensibilidade, experiência.

Apesar de uma tendência à idilização do campo (feita principalmente pelos procedimentos de qualificação objetiva icônica), podemos dizer que, em certa medida, a valorização da intuição pode ser um imaginário sócio-discursivo negativo do homem do campo. Ao ser colocado como alguém que se recusa a aceitar a tecnologia, o homem do campo pode ser visto como um ignorante, como alguém que está dissociado do seu tempo.



Outro exemplo que confirmaria uma valoração negativa do imaginário sócio-discursivo calcado na oposição racionalidade Vs intuição, diz respeito ao tema trabalho. Na cidade, o trabalho envolve racionalidade e pouco esforço físico, já o trabalho no

campo, nessa construção estereotípica, não exige inteligência, é só uma repetição de ações e rotinas, não deixando espaço para a criatividade. Por exemplo, ao homem do campo, basta ter a intuição de que “vai chover” para que a plantação tenha uma boa colheita. Já o homem da cidade mediria sua produtividade com base em cálculos, previsões climáticas e meteorológicas de satélites etc.

Considerações Finais

As histórias de Chico Bento não têm por objetivo estabelecer modelos fixos nem estereótipos sobre o universo rural e por isso não precisam recorrer às práticas sociais legitimadas. Os quadrinhos de Chico Bento visam a apresentar um modelo de leitura deste universo rural, modelo esse que é construído a partir das experiências culturais compartilhadas pelos sujeitos envolvidos nesse contrato de comunicação.

Nesse sentido, foi possível reconhecermos diversas *ethé* para Chico Bento e, conseqüentemente, para o homem do campo brasileiro. Conforme havíamos previsto em nossa hipótese de pesquisa, as imagens tenderiam a se relacionar a conceitos opostos. Entretanto, podemos dizer que toda a projeção de imagens esteve relacionada à oposição entre razão Vs intuição. Os demais pares (tranquilidade Vs confusão, trabalho Vs preguiça) foram apenas pontuais, isto é, estiveram presentes em histórias específicas e, por isso, não puderam ser generalizados.

Nas histórias, fica claro que o conhecimento pela sensibilidade e pela experiência não é legitimado como um tipo de saber. Eles estariam ancorados num imaginário sócio-discursivo comum, numa *doxa*. Esses imaginários são suficientes para funcionarem como argumentos, para funcionarem como ancoragem discursiva, mas não são legítimos o bastante para garantir uma característica positiva à imagem dos habitantes do campo.

É interessante notar que o espaço sócio-cultural campo apresenta-se como uma referência paradisíaca, na qual homem e natureza convivem harmonicamente. Essa convivência é permitida principalmente pelo fato de o homem “respeitar” todos os mecanismos naturais em virtude de sua sensibilidade. Entretanto, os instrumentos provenientes da tecnologia, como o maquinário destinado ao cultivo, por exemplo, não se fizeram presentes.

Os problemas e consequências da utilização das inovações tecnológicas também não foram abordados. Temas como transgênicos, reforma agrária, produção em larga escala, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, tão presentes nas questões agrárias, não foram sequer mencionados no *corpus* analisado. Nesse sentido, podemos perceber que não há uma preocupação com a atualização temporal dos imaginários sócio-culturais referentes ao universo rural brasileiro nos quadrinhos.

A partir de todos esses dados, podemos dizer que foram construídas diversas imagens do homem do campo, nos quadrinhos de Chico Bento. Ele se apresenta como um homem ordeiro, trabalhador e responsável. Esse homem fundamenta suas crenças nas doutrinas religiosas e na sua própria experiência, evidenciando assim uma forte presença de valores como a intuição e a sensibilidade. A sensibilidade do homem do campo é oposta à racionalidade apresentada pelos personagens urbanos. Entretanto, como dissemos anteriormente, esse excesso de sensibilidade e o não entendimento da técnica, dos mecanismos da razão, é visto com certo desprezo pelos personagens da cidade.

Referências

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. **Stéréotypes et clichés: langue, discours, société**. Paris: Armand Colin, 2005.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, Henri (Org). **Stéréotype, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L'Harmattan, 2007. p.49-63.

PROCÓPIO, M. R. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. 2008. 224f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUSA, M. **Portal Turma da Mônica**. 2007. Disponível em: <www.monica.com.br> Acesso em: 06 jun.

Obras Consultadas

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W. Alguns aspectos da sociedade e da cultura brasileiras nas histórias em quadrinhos. 1998. **Revista Açaquê**, São Paulo, v.1, n.1. Disponível em: <www.eca.usp.br/nucleos/nphqueca/agaque/indiceagaque.htm> Acesso em: 03 jul. 2006.